

## INVESTIGANDO SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS: AÇÕES DO PIBID 3/ARTES VISUAIS

**AMARAL, Thais Machado do<sup>1</sup>; SILVA, Mahuã Alonso da<sup>2</sup>; VELLAR, Roberta Ramalho<sup>3</sup>; SIEGERT, Francine<sup>4</sup>; BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> UFPel, Artes Visuais – Modalidade Licenciatura; <sup>2</sup> UFPel, Artes Visuais – Modalidade Licenciatura; <sup>3</sup> UFPel, Artes Visuais – Modalidade Licenciatura; <sup>4</sup> UFPel, Artes Visuais – Modalidade Licenciatura; <sup>5</sup> UFPel, Centro de Artes, [attos@vetorial.net](mailto:attos@vetorial.net)

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma experiência veenciada através do subprojeto das Artes Visuais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UFPel, PIBID 3, em uma escola estadual da cidade de Pelotas. O PIBID é um Programa do Ministério da Educação, gerenciado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo maior é o incentivo à formação de professores para a Educação Básica e a elevação da qualidade do ensino nas escolas públicas envolvidas no programa.

Como uma proposta de iniciação à docência, os participantes são alunos dos cursos de Licenciatura que, inseridos no cotidiano escolar, planejam e participam de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar. As equipes do PIBID são formadas por estudantes de graduação (licenciandos), professores das escolas públicas conveniadas (supervisores) e Coordenadores de área (professores universitários), todos custeados por bolsas fornecidas pela Capes. O PIBID 3 – GeoArtes é formado pelos integrantes dos cursos de Artes Visuais, Dança, Música e Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

Dentre os estudos realizados nas escolas, consta a realização de uma pesquisa sobre como se dá o funcionamento da disciplina de Artes Visuais no cotidiano escolar, investigação caracterizada como um diagnóstico, que, no nosso caso, teve como foco os professores de Artes Visuais atuantes na escola em questão. Nesse sentido, é importante considerar que:

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. (IAVELBERG, 2003, p.10)

Na consideração de tal opinião julgamos necessário antes de apresentar a nossa análise esclarecer sobre como se constituiu o ensino de Artes Visuais no Brasil. Tradicionalmente o ensino de Artes é identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências da Escola Nova no país. Essas tendências vigoraram desde o início do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas e estéticas dos professores de Artes. Na primeira metade do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o

conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas dominantes. Na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os "dons artísticos", os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. A disciplina Desenho, apresentada sob a forma de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico, era considerada mais por seu aspecto funcional do que uma experiência em arte; ou seja, todas as orientações e conhecimentos visavam uma aplicação imediata e a qualificação para o trabalho. Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de artes, fortemente sustentadas pela estética modernista, e voltado para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo.

Em 1971, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada "atividade educativa" e não disciplina. A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se considerarmos que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal, muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). De maneira geral, entre os anos 70 e 80, os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino médio) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em arte.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento em prol da Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. Com a promulgação da Lei 9.394/96, em 1996, revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na Educação Básica. Em seu artigo 26, parágrafo 2º, consta: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, 1996, p.14). É com este cenário que se chegou ao final da década de 90, mobilizando novas tendências curriculares em Arte, com vistas à chegada do terceiro milênio. São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade.

Dentre as várias propostas difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que se afirmaram pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, interferem na melhoria do ensino e da aprendizagem em Artes. Isso, em função da consciência de que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade, que foi analisada. (BARBOSA 2003, p.23)

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso. Os resultados da mesma foram obtidos através da coleta de dados realizada com os professores de Artes Visuais da escola analisada, através de entrevistas semiestruturadas.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor visualização dos resultados obtidos através das entrevistas realizadas com os dois professores de Artes Visuais da escola investigada, julgamos importante dispor os dados no formato da **Tabela 1**, apresentada abaixo:

	Professor 1	Professor 2
<b>Ano de formação</b>	1984	1980
<b>Tempo de trabalho na escola</b>	5 anos	4 anos
<b>Valorização do cotidiano dos alunos</b>	Sim	Não
<b>Participação dos alunos</b>	Alunos ativos	Alunos dispersos, sem interesse.
<b>Referenciais Teóricos</b>	Autores específicos da área	Nenhum autor específico.
<b>PCN's</b>	Não	O uso é automático, está inserido nas práticas
<b>Uso de tecnologias (laboratório de informática, data show...)</b>	Sim	Não

**Tabela 1**

Como é possível observar, ambos os professores são graduados na década de 1980. O primeiro ponto que destacamos é o fato de que nas aulas do professor 1 os alunos “são ativos” e nas do professor 2 os alunos “são dispersos”. Esse é um fator significativo para a reflexão de que um diferencial entre as práticas dos dois professores é a problematização do cotidiano vivencial dos escolares. Tal fato pode se refletir no maior ou menor envolvimento dos estudantes nas propostas pedagógicas. Outra característica que destacamos refere-se ao uso das tecnologias disponíveis na escola como recursos para a realização de tarefas e fator de motivação às aulas. Enquanto o professor 1 afirma utilizar, o professor 2 diz negar o emprego de tais recursos. Tal posicionamento pode ser um contributo importante que se reflete no pouco interesse dos escolares pelas atividades propostas pelo professor 2.

Tais considerações nos permitem refletir sobre o fato de que o ensino das Artes Visuais “implica desafios, pois a cultura e a subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções, e a marca individual é aspecto constitutivo dos trabalhos” (IAVELBERG, 2003, p.11). Portanto, consideramos que para que o aluno possa colocar-se em sua subjetividade de forma artística é preciso uma busca pelo que lhe aproxime, mesmo em sala de aula, das coisas de seu interesse e das suas vivências dentro e fora dos muros da escola.

## 4 CONCLUSÃO

Entendemos que inseridos no cotidiano escolar precisávamos nos valer de ações que neste primeiro momento nos fizessem conhecer melhor o contexto, o funcionamento e andamento das Artes Visuais neste ambiente. Para tanto, focamos no trabalho dos professores, para que assim seja possível propor ações que contribuam para a qualificação das práticas pedagógicas já existentes, acreditando que:

É necessário que o professor seja um estudante fascinado por arte, pois só assim terá que ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. (IAVELBERG, 2003, p.12)

Como discute a autora, a educação continuada é essencial para o melhor desempenho do professor de Artes Visuais. E para que tais processos sejam implementados, no âmbito do PIBID 3/Artes Visuais, a pesquisa aqui apresentada é de fundamental importância. Através dela é possível avaliarmos modos possíveis para a nossa inserção na escola, além da obtenção de dados que nos possibilitarão planejar os futuros cursos de formação continuada que serão oferecidos para os professores da rede de ensino do município de Pelotas.

## 5 REFERÊNCIAS

IAVALBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

BARBOSA, Ana Mãe (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação, **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**; N. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.